

Economia - Brasil

Desgaste derrubou Franco

CLAUDIA SAFATLE

BRASÍLIA – Na sexta-feira, dia 8, o presidente Fernando Henrique Cardoso telefonou ao presidente do Banco Central, Gustavo Franco, comunicando que havia optado por Francisco Lopes, diretor de Política Monetária do BC, para ocupar o comando da instituição. Era o fim de vários meses de grande desgaste de Franco, o último economista da equipe que criou o Real que ainda estava no governo. Até aquele dia, Gustavo Franco não sabia que os torpedos que estavam vindo de dentro e de fora do governo representariam sua demissão. Mas sempre soube do desejo de Lopes de ocupar a presidência do BC e que o diretor havia também avisado ao presidente, no fim do ano passado, que a permanecer no mesmo cargo preferia deixar o governo.

Encerrada a conversa com Fernan-

do Henrique, Franco e Lopes acertaram fazer tudo no mesmo dia: sua demissão e a mudança do regime cambial para um modelo mais flexível, de banda larga. Na terça-feira pela manhã, pegou o avião no Rio de Janeiro para Brasília, como sempre fazia, e durante o vôo escreveu sua carta de demissão. "Jamais seria minha intenção servir como embaraço à natural reorientação das políticas de juros e câmbio, conforme desejo do presidente da República", diz o texto da carta.

Tudo acertado, Fernando Henrique viajou para uns dias de férias. Não se imaginava, contudo, que o mercado ficasse tão nervoso na terça-feira e que deixassem o país mais de US\$ 1 bilhão, com explosão dos juros futuros e vendas de dólares,

precipitando o anúncio do novo modelo cambial para ontem. A terça-feira terminou tensa. Malan jantou com o presidente do Congresso, sena-

dor Antônio Carlos Magalhães, a quem comunicou a troca no BC.

O marco da divisão na equipe econômica foi dado numa reunião, em 10 de setembro, com o presidente da República, no auge da crise da Rússia. De um lado, Luiz Carlos e José Roberto Mendonça de Barros e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, na defesa de uma centralização cambial e da mudança do regime cambial. Do outro, Francisco Lopes, que derrubou as intenções do grupo, e Gustavo Franco. Ambos, contudo, não estavam pensando exatamente a mesma coisa. Ali também ficou estabelecido um novo status para Lopes, que passou a interlocutor do presidente e a ter contatos mais assíduos com o ministro da Saúde, José Serra.

Só quando o caso do grampo nos telefones do BNDES trouxe à tona a real dimensão do que se discutia no governo – a mudança de rumo da po-

lítica econômica, a criação do ministério do Desenvolvimento como uma forte estrutura para se contrapor à hegemonia do Ministério da Fazenda e do Banco Central – é que Franco se deu conta de como estava isolado. Nessa ocasião, já se delineavam também os ocupantes dos postos-chave. Luiz Carlos no novo ministério, Francisco Lopes no BC e André Lara Resende num Conselho no Palácio do Planalto, mas pronto para substituir Malan se isso fosse necessário.

No fim de novembro, Gustavo Franco foi ao presidente comunicar que estava disposto a sair porque se sentia desgastado, mas ouviu que não havia essa hipótese. Era, no entanto, apenas uma questão de tempo.

Leia a íntegra da despedida de Gustavo Franco no JB Online (www.jb.com.br)